



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
CURSO DE PSICOLOGIA

A FRAGILIDADE DOS LAÇOS AFETIVOS NA PÓS- MODERNIDADE

WESLEY CORREIA SANTOS

BRASÍLIA-DF
DEZEMBRO/2008.

WESLEY CORREIA SANTOS

**A FRAGILIDADE DOS LAÇOS AFETIVOS NA PÓS-
MODERNIDADE**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília - UniCEUB como
requisito básico para obtenção do grau de
Psicólogo da Faculdade de Ciências da
Educação e Saúde. Professor-orientador:
Valéria Mori.

Brasília-DF, dezembro/2008.



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES

CURSO DE PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Prof. Valéria Deusdará Mori, Ms. Psicologia

Prof. Sergio Henrique Souza Alves, Dr. Psicologia

Prof. Suzana Meira Lopes de Castro Joffily, Ms. Psicologia

A Menção Final obtida foi:

Brasília-DF, Dezembro/2008.

Dedico este trabalho à minha mãe, ao meu pai e à
minha irmã que são os meus maiores e mais
importantes mestres na busca da sabedoria.

Agradecimentos

Agradeço, primordialmente, a Deus que sempre se fez presente na minha vida e por ter me proporcionado mais uma conquista.

À minha mãe, a pedra fundamental, minha grande companheira que incentivou e apoiou cada decisão que eu tomei durante toda a vida e principalmente neste momento tão especial que é minha formação. Mãe, sem você eu nada seria, tudo que sou é graças à sua luz, à sua garra e ao seu amor incondicional. Eu te amo acima de tudo.

Ao meu pai, meu exemplo, meu juízo, meu superego e minha proteção. Sem você eu teria apenas vontades. Você transformou minhas vontades em realidade, graças a você eu cheguei onde estou e vou continuar para que você sempre se orgulhe.

À minha irmã, meu id, minha força de vontade que em muitos momentos serviu de exemplo de dedicação e de perseverança. Seu companheirismo e sua presença foram essenciais para a construção da minha vida.

Aos meus irmãos de alma, meus amigos, que sempre souberam me ajudar a extravasar todas as tensões. Ao Fernando que tolerou muitos momentos de estresse com seu tenro sorriso, com sua importantíssima revisão de texto e opiniões pertinentes, ao Tiago que fez com que eu soubesse que estou no caminho certo e que mostrou que amar está além da nossa vontade. Ao inesquecível Thiago Dutra (*in memoriam*), mesmo que tenha nos deixado tão cedo, nos proporcionou momentos de intensa alegria e me mostrou que existem diferentes formas de amar.

Aos amigos de faculdade que em cinco anos compartilharam momentos de angústia e de alegria, principalmente Ana Célia e Carolina Rios que estão ao meu lado desde o 1º semestre e sempre foram minhas companheiras desde as jornadas alimentares até as dedicadas horas de estudo.

Aos mestres que me proporcionaram conhecimentos que serviram como tijolos na minha construção profissional, principalmente à minha orientadora, Professora Valéria Mori, que me acolheu desde o primeiro dia, que me apoiou e soube transformar meu medo em coragem, me passando calma e força com seu olhar.

Aos meus colegas de trabalho, pelo incentivo e torcida.

Agradeço às pessoas que mais me incentivaram e se orgulharam dos meus esforços, àqueles que, acima de tudo, reconheceram a importância das minhas vontades e as respeitaram.

Graças a vocês, hoje, eu sou um sujeito que se posiciona.

“Gosto de ver casulos de borboletas. Lagartas feias que adormeceram, esperando a mágica metamorfose. De fora, olhamos e tudo parece imóvel e morto. Lá dentro, entretanto, longe dos olhos e invisível a vida amadurece vagarosamente. Chegará o momento em que ela será grande demais para o invólucro que a contém. E ele se romperá. Não lhe restará outra alternativa, e a borboleta voará livre, deixando sua antiga prisão... voar livre, liberdade. Somos como as borboletas: a liberdade não é um início, mas o ponto final de um longo processo de gestação. Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses”.

Rubem Alves (2006)

SUMÁRIO

RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A PÓS-MODERNIDADE	15
1.1 Tempos Pós-Modernos	15
1.2 A sociedade do consumo	20
1.3 Individualismo e Narcisismo – Reflexos da Pós-modernidade	24
CAPÍTULO 2 – VÍNCULOS AFETIVOS E FRAGILIDADE DOS LAÇOS HUMANOS ...	30
2.1 A Formação de Vínculos Afetivos.....	30
2.2 A Fragilidade dos laços humanos	33
CAPÍTULO 3 – REFLEXÕES SOBRE O AMOR NA PÓS-MODERNIDADE.....	40
3.1 A busca do amor instantâneo	40
3.2 A passagem do amor para a realidade pós-moderna.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	54

RESUMO

A pós-modernidade é caracterizada pela proeminência da velocidade, do reinado da moda e do consumo, emergindo a coisificação do sujeito que é tratado como mercadoria passível de ser escolhida e trocada a qualquer momento. Desta forma, evidencia-se o narcisismo hedonista como uma nova perspectiva do individualismo que tem como prerrogativa a satisfação individual e, por conseguinte, o foco em si mesmo, suscitando certa superficialidade nos laços humanos. Apesar disso, os vínculos afetivos permanecem sendo importantes mesmo que não sejam cultivados e não sejam o foco dos sujeitos hipermodernos. Diante disto, o relacionamento se transformou numa questão de troca, ou seja, consumimos a relação com o outro enquanto houver satisfação. Neste trabalho, há reflexões acerca do amor, haja vista as limitações que as pessoas têm em cultivar tal sentimento pouco visto atualmente devido à dificuldade em se relacionar e em estar disponível ao outro. O trabalho também trata da relação entre amor, sofrimento e o medo de suas possíveis consequências.

Palavras-chave: Pós-modernidade, laços afetivos, sociedade do consumo.

ABSTRACT

The postmodernity is characterized by the prominence of the speed, of the reign of fashion and consumption, by people who is susceptible of being treated like products that can be chosen and swapped at any moment. This way, the hedonist narcissism is put on evidence as a new perspective of the individualism that has as prerogative the individual satisfaction and, consequently, the focus on itself, raising certain superficiality in the human relations. In spite of that, the relationship bonds still being important even if not cultivated and out of focus for the hypermodern people. Before this, relationship transformed itself in trade matter, in other words, we consume the relationship with the other while there is satisfaction. In this dissertation, there are reflections concerning love, considering the limitations that people have in cultivating such a feeling almost seldom today due to the difficulty that people have to make themselves available to others. This dissertation is also about relation between love, suffering and the fear of their possible consequences.

Keywords : Postmodernity, affective bonds, consumption society.

A pós-modernidade, neste trabalho, é tratada como um momento de expansão da individualidade, do consumo e da ênfase ao passageiro e ao instantâneo. É uma era na qual a sedução e a satisfação estão em voga, alicerçados no poder concedido pelo capitalismo e pelo que Debord (1997) chama de “sociedade do espetáculo”. Este estudo reflete certa preocupação com o sujeito devido às dificuldades que são vividas nesta época, principalmente a árdua missão em estabelecer relações de afeto e de amor.

O controle é, também, um fator em evidência, visto que os sujeitos buscam comandar tudo que está relacionado à sua vida. Desta forma, a literatura mostra que o consumo é um dos maiores fatores para exemplificar esta realidade. As pessoas se relacionam baseados na lei do consumidor, em outras palavras, o outro é tido como mercadoria que pode ser adquirida, descartada ou trocada a qualquer momento. Este é o momento no qual o essencial é a satisfação dos desejos e necessidades individuais (Lipovetsky & Charles, 2004).

A pós-modernidade é, então, tratada como um momento histórico no qual fica claro o desaparecimento das amarras institucionais, tendo como foco a emancipação do indivíduo, o espaço para a realização e a satisfação individual, inclusive, um novo modo de organização social e de comportamentos, emergindo o desejo e a indiferença em massa, contexto no qual surge a chamada “Era do Vazio” (Lipovetsky, 1983).

A ênfase no “ter” e a degradação do “ser” é tratada de forma a visualizar o contexto atual, sendo importante ressaltar que, o objetivo deste trabalho não está relacionado à busca de soluções para tais questões, mas sim, propor reflexões acerca da importância dos laços afetivos, com o intuito de incentivar a preocupação na manutenção das relações sociais, evitando tratá-las como objeto de consumo ou de satisfação imediata.

Percebe-se que, na atualidade há dificuldade em cultivar o permanente porque, de forma breve, as coisas se tornam obsoletas e

sem valor, gerando necessidades de ter estratégias para não se tornar mais uma mercadoria na gôndola do esquecimento. Desta forma, a vida na modernidade líquida exige uma sucessão de reinícios, por isso é uma época de finais rápidos e indolores (Bauman, 2007).

Chegou-se a um momento em que o consumo e o superlativo – hipermodernidade, hiperconsumo, hipernarcisismo – prevalecem, ao passo que é instaurada a satisfação pessoal, a maturação do narcisismo e a neofilia. Desta forma, a “sociedade-moda” se reestrutura pelas técnicas do efêmero, da renovação e da sedução permanentes. Surge o reinado da moda, momento no qual o culto ao *status* e ao poder social vigoram, vivificando o luxo e o consumo (Lipovetsky & Charles, 2004).

O poder de compra concede aos sujeitos uma satisfação inenarrável, partindo do pressuposto de que, neste ato, tem-se o domínio das próprias vontades e a escolha é o fator primordial a ser cultivado.

Com isso, caracteriza-se o reinado da moda e a busca do luxo eterno que revigora e torna os sujeitos pertencentes à realidade do consumo de massa e à sociedade do espetáculo que são, de certa forma, obrigados a participar, conscientes de que se não acompanham a era da instantaneidade e do efêmero, correm o risco de padecer em sua própria realidade ilusória e repleta de fantasias (Bauman, 2001; Lipovetsky, 2005; Debord, 1997).

Este contexto favorece o surgimento do sujeito narcisista – ressaltando que os aspectos do narcisismo aqui tratados não são discussões da psicanálise, mas sim embasados em uma visão sociológica – ou seja, uma admiração e preocupação consigo mesmo. Com isto, o sujeito passa a viver para si e para suas satisfações (Sennett, 1988; Lipovetsky, 1983) e, desta forma, o amor ao outro torna-se pouco presente.

Em certos contextos da atualidade, observa-se um paradoxo acerca da individualidade, ou seja, os sujeitos ficam absortos em si e valorizam isto, ao passo que

buscam se relacionar com o outro, a fim de suprir certas necessidades, por vezes momentâneas.

Neste trabalho é abordado, ainda, a importância dos vínculos afetivos na vida dos sujeitos, partindo do pressuposto de que são aspectos cruciais para o desenvolvimento humano, haja vista que não se relacionar é evitar troca de experiências e, por conseguinte, crescimento pessoal.

Como discutido, ter o controle é o que todos buscam, por isso, evita-se cultivar algum tipo de relacionamento que possa gerar um sentimento de medo ou de possibilidade de perder a autoridade da sua vida e das suas decisões. Há, ainda, a preocupação em perder seu próprio espaço, tendo em vista que algumas pessoas não conseguem respeitar a barreira que limita as relações e a individualidade do outro.

O ser humano procura ser estimado e admirado, por isso, muitas vezes evita algum tipo de relação que não o proporcione sentir-se desta forma. Certas vezes, estabelecem relações superficiais apenas pela necessidade de êxito social, ou seja, estar sozinho pode significar, não reconhecimento e não ser estimado é um extremo fracasso (May, 1987).

À medida que este contexto toma forma, surgem caminhos para contornar tais dificuldades. Um deles é a internet que favorece relações rápidas e fáceis de serem adquiridas, mas que possuem mais uma característica líquido-moderna: a superficialidade. Estas relações não invadem a individualidade tão cultivada e, ainda, são mais simples de serem descartadas, portanto, obtém um grande número de adeptos.

A mudança na forma de se relacionar com o outro se torna evidente na modernidade líquida quando se observa que os sentimentos são muito mais frágeis e, certas vezes, baseados em um jogo de interesses, no qual as pessoas procuram se relacionar com alguém que possa proporcionar algo de valioso em troca. Os laços de afeto tornam-se sutis e, portanto, a

célebre frase de que “até que a morte os separe” está eminentemente fora de moda (Bauman, 2004).

Com isso, emerge a busca do amor instantâneo que descarta a possibilidade de deveres e cobranças, ao passo que não há necessidade em sentir-se preso (leia-se fiel) ao outro. Entretanto, chega-se a mais um paradoxo pós-moderno: as pessoas desejam que o ser amado cultive sua liberdade, mas ao mesmo tempo, temem que esta liberdade favoreça o outro a conhecer alguém que desperte algum interesse. Em suma, cria-se então, um ciclo vicioso, no qual os atores principais são o medo e a inexistência do controle do outro (Costa, 1998).

Sendo assim, um dos trabalhos importantes para a Psicologia é contribuir para a compreensão de questões que afetam o desenvolvimento saudável dos sujeitos e, ainda, que movem os seres humanos a superar obstáculos que podem, inicialmente, parecer intransponíveis. Com isto, este estudo busca contribuir com as discussões da Psicologia com relação a aspectos da modernidade líquida, na qual o grande pavor das pessoas é o postergar, pois vive-se a cultura de que o tempo é o que importa e o ideal a ser perseguido é o da satisfação instantânea (Bauman, 2004).

Contudo, neste trabalho, não é prioridade discutir qual seria o funcionamento saudável ou não saudável dos sujeitos, tampouco preocupou-se em se estender em questões como o sofrimento, tendo em vista que este é um fator subjetivo e, por isso, depende exclusivamente de como cada indivíduo experiencia e significa cada vivência, concentrando-se no cuidado, ainda, em evitar o risco de ser generalista e gerar uma rigidez desnecessária que não é o foco do estudo.

Nesta perspectiva, serão abordadas questões referentes às relações afetivas, focadas no amor, e na dificuldade em se estabelecer vínculos concretos devido a uma fragilidade em construir laços afetivos na pós-modernidade.

Portanto, o objetivo deste trabalho é compreender a sociedade do consumo que prioriza a satisfação imediata e resultados sem esforços, esclarecer os mistérios da fragilidade dos vínculos humanos e o sentimento de insegurança que o “relacionar-se” instaura nas pessoas e, ainda, apreender a realidade dos sujeitos no que diz respeito, também, aos laços que se estabelecem na pós modernidade e, conseqüentemente, como estes mesmos laços se transformam, são rompidos, desfeitos e refeitos.

CAPÍTULO 1

A PÓS-MODERNIDADE

“Velocidade, e não duração, é o que importa. Com a velocidade certa, pode-se consumir toda a eternidade do presente contínuo da vida terrena” (Bauman, 2007, p. 15).

1.1 Tempos Pós-Modernos

A pós-modernidade pode ser analisada como um discurso acerca da atualidade, que considera aspectos sociais e culturais, não necessariamente novos, mas que se desenvolveram com o passar do tempo, acompanhando as mudanças de todo o mundo. Entretanto, seu significado está nas transformações destes aspectos no que se refere à evolução no modo de vida em sociedade. Além disso, evidencia-se o impacto de tal pensamento na ciência, fomentando novas formas de pensar a ciência na atualidade, mas tal aspecto não será considerado, haja vista que não é o foco desta discussão.

Há uma divergência com relação ao tema “pós-modernidade”. Alguns autores preferem chamar de “modernidade líquida” (Bauman, 2001), “hipermodernidade” (Lipovetsky, 2004), “sociedade do espetáculo” (Debord, 1997) ou então, “modernidade tardia” (Touraine, 1998), mas o que leva tantos a falar sobre este assunto é o fato de que o esforço para elevar a velocidade das coisas está cada dia mais perceptível. Tudo se move muito depressa, chegando à instantaneidade (Bauman, 2001); o efêmero prevalece, o descontínuo e o fragmentário são presentes e totalmente aceitos (Harvey, 1998).

A modernidade líquida (Bauman, 2001) ou a hipermodernidade (Lipovetsky, 2004) caracteriza-se pela fluidez e pela flexibilidade, como algo que não mantém uma forma

definida ou sequer uma mobilidade, ou seja, é um movimento constante no qual o tempo é o que importa, o postergar é algo inviável e os laços humanos são superficiais e frágeis.

Devido a esta fragilidade, Touraine (1994) atribui à racionalização a responsabilidade sobre a destruição dos laços sociais, costumes e crenças tradicionais, tendo em vista que, quanto mais racionais são as pessoas, menos se preocupam com emoções, de modo que, na pós-modernidade, estas relações se tornam vagas e pouco significativas. Com isso, tem-se a idéia de que a racionalização torna-se um princípio de organização da vida pessoal e coletiva dos sujeitos, de forma a ser um instrumento a serviço dos interesses dos indivíduos.

Desta forma, é necessário compreender que sem razão o sujeito se fecha na obsessão da sua identidade, sem o sujeito, a razão se torna o instrumento do poder, portanto, a pós-modernidade é feita do diálogo entre razão e sujeito (Touraine, 1994).

Sendo assim, sujeito é aquele que se posiciona, que constitui sua própria vida e seus atos. Ele não se aflige nem torna-se submisso a uma ideologia. Por conseguinte, a falta de uma relação amorosa – a procura da felicidade por meio do prazer – dificulta o processo de tornar-se senhor das suas vontades, pois esta felicidade é caracterizada pela realização de si mesmo e consiste em encontrar-se no contexto em que se vive. Tal felicidade é conquistada pelo próprio indivíduo e está, inevitavelmente, acompanhada de prazer.

Neste contexto, o sujeito não se constrói apenas na busca da felicidade, mas, também, na tristeza, nos momentos de sofrimento, fracassos, doenças e, entretanto, na iminência da morte (Touraine, 1998). Portanto, é importante ressaltar que:

A construção do sujeito não culmina jamais na organização de um espaço psicológico, social e cultural perfeitamente protegido (...) o sujeito se constitui não somente por aquilo que rejeita, mas também pelo que afirma. Ele não é nunca senhor de si mesmo e do seu meio (Touraine, 1998, p. 79).

Não obstante, Oliveira (2006) faz uma análise significativa no que concerne ao entendimento sobre a pós-modernidade, e, toma como base o exposto por Foucault (1984) que defende que ser pós-moderno é tomar atitudes e aceitar posições referentes a sua realidade pós-moderna, ou seja:

Foucault (1984) afirma que ser moderno é assumir determinada atitude em relação ao movimento da modernidade, frente à descontinuidade do tempo, à ruptura da tradição, ao sentimento de novidade, à vertigem do que passa. Essa atitude voluntária, difícil, consiste em recuperar algo de eterno que não está além do instante presente, nem atrás dele, mas nele próprio. A modernidade não seria uma simples forma de relação com o presente, mas um modo de relação estabelecida consigo mesmo (Oliveira, 2006, pp. 17-18).

Para Bauman (2001), a pós-modernidade define-se por modernidade líquida, que é uma realidade na qual tudo é ilusório e o que é causado pela vida em sociedade, inclusive as incertezas, exige uma análise contínua da realidade e da forma como os sujeitos estão nela inseridos. Esta reflexão remete a questões importantes no que diz respeito a aspectos sócio-culturais, sendo necessário considerar fatores individuais quando se trata de “viver em sociedade”.

A pós-modernidade é caracterizada por uma sociedade mais direcionada para o presente, para as novidades que ele traz, ao passo que tal fato começa a ser tomado por uma lógica da sedução na qual é concebida na forma de uma hedonização da vida. A partir daí, começa a expansão do gosto pelas novidades e pela promoção do fútil e do frívolo, do culto ao bem estar, ou seja, a uma ideologia individualista hedonista (Lipovetsky & Charles, 2004).

Nesse contexto, a lealdade passa a ser motivo de vergonha e não de orgulho (Bauman, 2007). Atualmente, o que chamam de “jeitinho brasileiro” virou moda, logo, encontrar alternativas ou até mesmo enganar o outro para conseguir algo que deseja é motivo

para orgulhar-se e, quando o “plano” é bem executado pode-se tornar motivo de admiração ou então de uma imagem a ser seguida. As pessoas preferem ser desleais e atingir determinado objetivo a ter caráter e tentar por meios lícitos, mas correndo o risco de não obter sucesso.

A indiferença e o domínio do sentimento de estagnação e de saciedade são características inerentes à pós-modernidade, assim como a banalização da inovação e da realidade ávida por uma identidade, por diferença, por realizações pessoais imediatas, contribuindo para a dissolução da crença de um futuro, haja vista que o essencial é viver o agora deveras. Dessa forma, a sociedade pós-moderna não tem tabus e já não possui qualquer imagem gloriosa de si própria, devido ao sentimento de vazio sem tragédia ou apocalipse (Lipovetsky, 1983).

Ao passo que o capitalismo e a pós-modernidade se desenvolvem, a diferença entre “próximo” e “distante” fica cada vez mais sutil. A tecnologia se desenvolve, a telefonia celular e a internet se proliferam visando maior economia do tempo, fator indispensável para se viver na modernidade líquida (Bauman, 2001).

Com isso, emerge a sociedade da informação. As telecomunicações e a tecnologia são essenciais no mundo pós-moderno no qual os computadores detêm o poder (Lyon, 1998). Ações rotineiras e triviais são feitas por meio deles. Os telefones e a internet ficam cada dia mais necessários e comuns em uma sociedade na qual o global e a universalização prevalecem.

As pessoas estão cada dia mais atentas ao novo, às tecnologias inovadoras que incentivam o consumo exacerbado de futilidades como celulares e acessórios que proporcionarão a aceitação do sujeito na sociedade (Bauman, 2007).

“A condição pós-moderna está inteiramente ligada ao capitalismo de consumo” (Lyon, 1998, p. 60). É desta forma que Lyon (1998) se refere à sociedade do capital, à sociedade na qual o econômico e o poder são caracterizados por desejos e objetivos muitas

vezes inatingíveis. Com isso, defende que um dos desafios do pós-moderno dirige-se aos ideais, valores e símbolos da vida econômica e como eles surgem na realidade dos que compartilham dessa sociedade capitalista.

A realidade acontece numa velocidade na qual tudo pode se tornar obsoleto num piscar de olhos e não permanece na mesma forma ou no mesmo curso por muito tempo. As atualizações são quase instantâneas e prever o futuro tomando o passado como base é muito arriscado. Em suma, é uma vida determinada por incertezas constantes, preocupações intensas e finais mais rápidos (Bauman, 2007).

Harvey (1993) faz uma crítica consistente à pós-modernidade quando se refere à ênfase ao efêmero, à insistência na impenetrabilidade do outro e à preferência pela estética ao invés da ética. Estes fatores podem gerar o que Guillebaud (2003) chama de nostalgia, ou seja, esse sentimento causado, também, pelo niilismo e pela injustiça na opinião dos sujeitos que estão insatisfeitos e que sentem-se atormentados por esta nostalgia que os faz pensar que tudo, antigamente, era diferente e que a sociedade vivia em harmonia.

É com isso que flui a discussão de que a hipermodernidade não proporciona a felicidade absoluta e, tampouco, é o reino do niilismo total (Lipovetsky & Charles, 2004), ou seja, não é uma realidade de encanto irrestrito, embora não seja uma redução ao nada, uma crença de que os valores tradicionais não fazem sentido e não são úteis à existência. Contudo, para Bauman (2001) viver na modernidade líquida é fazer parte da realidade instantânea, da idéia de desespero e de finitude próxima.

A vida líquida – viver na indiferença e no desprendimento, caracterizada pelo efêmero e pelo medo de ficar para trás, de tornar-se dispensável – leva o sujeito a uma constante autocensura, autocrítica e auto-exame. Como se não bastasse, Bauman (2007) revoga a idéia de satisfação pessoal, quer dizer, o sujeito pós-moderno está sempre insatisfeito

consigo mesmo, buscando constantemente superar-se para que, então, possa viver nesta sociedade fragmentada e rigorosa.

Como se não bastasse, a hipermodernidade não oferece chances nem escolhas aos sujeitos, além de evoluir e acelerar vertiginosamente (Lipovetsky, 2004) para não ser engolido pela velocidade atordoante do envelhecimento, da reciclagem ou da desintegração social (Bauman, 2001).

Por vezes, a realidade aparenta ser cruel, considerando que muitas pessoas acostumaram-se ao comodismo e ao paternalismo social, questões que não são aceitas de forma alguma na modernidade líquida do efêmero ou na hipermodernidade do consumo.

Os tempos pós-modernos são caracterizados pela velocidade e não pela duração, haja vista que, atualmente, as coisas perdem a utilidade muito facilmente. Objetos, produtos consumidos têm uma limitada expectativa de vida útil, tornando-se impróprios para o consumo, dando espaço para outros objetos serem, então, consumidos (Bauman, 2007).

O capitalismo na pós-modernidade leva a reflexões no que tange a aspectos que dificultaram e, até mesmo evitaram o aprofundamento das relações sociais, tendo em vista a evolução da sociedade que começou a focar em fatores mais econômicos devido a esse fortalecimento da realidade capitalista. As pessoas se preocupam mais em produzir e consumir bens e, por conseguinte, se isolar, enfraquecendo, portanto, outros fatores essenciais ao bem-estar do sujeito como as relações interpessoais (Santos, 1995).

Dessa forma, a imagem mais nítida da pós-modernidade é a do vazio, de uma economia fluida e de uma sociedade de troca (consumo), além disso, de um poder sem centro (Touraine, 1994).

1.2 A sociedade do consumo

O consumo de massa, a produção de necessidades e desejos e os estilos de vida dos consumidores estão diretamente relacionados ao pós-moderno (Lyon, 1998). Fazer compras,

hoje, virou uma busca de prazer e de satisfação que, além de conquistas emocionais, proporciona *status*, luxo, poder e notoriedade social. Os detentores deste poder é o que Bauman (2001) chama de “senhores da arte de escolher”.

Nesse contexto, a sociedade vê triunfar o culto às grifes e aos bens raros, haja vista o gosto de brilhar, a imensa necessidade de vangloriar-se e de parecer rico e, ainda, fazer parte do seletto grupo que acredita ser irrevogável a distinção social pelo poder financeiro, pois exibindo riqueza e ostentação, as pessoas acreditam tornar-se diferenciadas e valorizadas socialmente e, em contrapartida, fortalecem o sentimento de auto-satisfação (Lipovetsky, 2005).

Vários sinais mostram que a atual sociedade está na era do “hiper”, caracterizada pelo hiperconsumo, pela hipermodernidade e pelo hipernarcisismo. Na sociedade do consumo, tudo é um espetáculo, uma exibição e a imagem é o que prevalece (Lipovetsky & Charles, 2004).

O espetáculo prefere a representação ao invés do real, dá-se mais importância às coisas e às mercadorias. “O espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo”. (Debord, 1997, p. 17).

Logo, percebe-se que o hiperconsumo se constrói segundo uma lógica emotiva e hedonista que faz com que as pessoas consumam para sentir prazer. O luxo é, por excelência, elemento da distinção social em uma sociedade na qual o “ter” transcende o “ser” e faz com que as pessoas se apropriem de uma determinada posição social (Lipovetsky & Charles, 2004), proporcionando satisfação a quem dele pode gozar e de quem pode ser privilegiado a viver o reinado da moda.

Além disso, evidencia-se a realidade do espetáculo que é caracterizada por uma diversidade de fenômenos organizados socialmente, ou seja, é a afirmação de toda a vida social como aparência e, ainda, como uma negação da vida. Logo, é a principal produção da

sociedade atual, uma demonstração do sistema como setor econômico avançado e, portanto, que molda a multidão constituinte desse sistema. O espetáculo é, acima de tudo, indispensável na pós-modernidade (Debord, 1997).

Acima de tudo, a capacidade de escolha dos consumidores os elevam a um certo grau de liberdade. Logo, alguns dos viciados em consumir lidam com o mundo como se ele fosse um “depósito abarrotado de mercadorias” (Bauman, 2001). Dessa forma, o poder dado ao consumidor faz com que ele possa mudar de identidade, ela pode ser adotada ou descartada como uma simples troca de roupa, o capacita a ser tudo o que ele quer ser em apenas alguns minutos (Lash, 1990).

O império do efêmero governa toda ordem econômica, a produção e o consumo de toda sociedade. A lei da oferta e da procura é regida pelo novo, a inovação é a rainha que está sempre em voga, com atenção concentrada principalmente no combate ao desuso e ao obsoleto e sempre buscando satisfazer à inexorável manutenção da moda, do glamour e do consumo de massa (Lipovetsky, 1989).

Por conseguinte, devido à profusão de ofertas tentadoras, o potencial gerador de prazeres dos diversos tipos de mercadorias tende a se exaurir rapidamente. Compradores com alto nível de recursos podem descartar as posses que não querem mais com a mesma facilidade que, anteriormente, a adquiriram. Visto que a satisfação transitória é uma realidade, esses compradores estão, portanto, protegidos contra o rápido envelhecimento, contra o efêmero e o obsoleto (Bauman, 2001).

Os membros da sociedade pós-moderna se posicionam como consumidores e não produtores, portanto, essa vida organizada com base no consumo deve existir independente de normas, ela é orientada pela sedução, por desejos crescentes e vontades voláteis. Contudo, a idéia defendida é de que o luxo de hoje seja a necessidade de amanhã, de forma a reduzir a

distância entre o “hoje” e o “amanhã” com o intuito de evitar a espera que é, simplesmente, inaceitável na modernidade líquida (Bauman, 2001).

Na era do pós-moderno as pessoas são julgadas por todos que as rodeia a partir de suas posses, suas roupas, enquanto seu caráter e personalidade passam a não ser percebidos, adotando uma visão teatral da sua própria *performance*. Isso faz com que a identidade e a individualidade tornem-se problemáticas na hipermodernidade, o que pode gerar um sentimento de mercadoria disponível ao consumo (Lash, 1990).

De modo a alimentar o “eu” e promover a manutenção do narcisismo, o consumismo leva à auto-satisfação. Dessa forma, o sujeito como consumidor passa a ver o mundo como uma espécie de extensão do seio materno, ora gratificador, ora frustrante e reluta em concebê-lo sem conexão com suas fantasias, pois o consumismo nada mais é que ter seus desejos e fantasias a seu alcance – as propagandas acerca das mercadorias tornam-se tão sedutoras quanto a satisfação dos seus desejos (Lash, 1990).

As pessoas priorizam o luxo, não apenas para serem admiradas ou respeitadas pelo outro, mas também, devido à necessidade de admirar a si próprio e de sentir que faz parte de uma imagem elitista, tornando-se uma dimensão narcísica dominante (Lipovetsky, 2005).

Além da manutenção da imagem, o consumo fornece um fator indispensável para se viver na pós-modernidade: facilidade. Assim, contribui para a manutenção do *status* e a sobrevivência no mundo da moda, o consumo proporciona ao sujeito a inserção do mundo *food*. São os *fast foods* e os *trash foods* que movimentam grande parte da vida em sociedade. Comer ficou muito mais fácil à medida que o mercado capitalista cresceu e ajudou na manutenção da instantaneidade.

Com isso, o consumo é confundido com qualidade de vida, ou seja, em nome da comodidade, consome-se cada dia mais produtos enlatados e industrializados, podendo, então,

economizar o precioso tempo e, por conseguinte, fazer parte da sociedade do agora (Monteiro, 2004).

Nesse contexto, construiu-se a “hegemonia da aparência” (Birman, 1999, citado em Oliveira, 2006, p. 53), tornando-se, portanto, evidente a relevância da relação sujeito-corpo, além da exaltação da moda e do *status*. Na contemporaneidade, o corpo perdeu sua essência e se transformou em uma meta que se baseia em um padrão socialmente estabelecido e constantemente almejado. Com isso, o entendimento acerca de “corpo” na pós-modernidade torna-se evidentemente partilhado no que diz respeito à relação com a própria identidade, o corpo torna-se um dos constituintes da identidade.

“Incontestavelmente, a representação social do corpo sofreu uma mutação (...), o corpo perdeu o seu estatuto de alteridade, de *res extensa*, de materialidade muda, em proveito da sua identificação com o ser-sujeito, com a pessoa” (Lipovetsky, 1983, p. 59).

Dessa forma, é perceptível o medo de envelhecer, tão crescente e intensa é a necessidade de valorização, o permanente desejo de ser admirado pela beleza, pelo encanto, pois o que resta ao indivíduo é conservar-se, ganhar tempo e ir contra o tempo. A personalização do corpo mobiliza o império da juventude contra a adversidade temporal. Continuar jovem é um dos maiores objetivos da humanidade (Lipovetsky, 1983).

1.3 Individualismo e Narcisismo – Reflexos da Pós-modernidade

É importante ressaltar que a Psicologia não contribui de forma significativa para o entendimento de questões referentes ao narcisismo, haja vista a escassez de estudos a respeito de fatores relacionados à pós-modernidade. Portanto, os aspectos do narcisismo, aqui tratados, não são discussões da psicanálise, mas sim embasados em uma visão sociológica e cultural, partindo de autores (sociólogos) que contribuíram para a compreensão e o estudo do narcisismo neste contexto.

Desta forma, no mundo contemporâneo, o individualismo está em evidência, e, por isso, as pessoas tornam-se “solidões soberanas e desamparadas” (Guillebaud, 2003, p. 62). Sendo assim, falar de “individualização moderna” é uma expressão pleonástica, portanto, falar de individualização e de pós-modernidade é falar de uma mesma condição social (Bauman, 2001).

Na pós-modernidade, o “eu” soberano que procura por um equilíbrio emocional deixou de existir e tornou-se um eu contraído num núcleo defensivo diante da adversidade devido a uma proeminente individualização vivida na contemporaneidade. Em face disso, a individualidade cresce numa era de austeridade, na qual a vida cotidiana passa a ser um exercício de sobrevivência (Lash, 1990).

A individualidade é afirmada e, conseqüentemente, renegociada a cada dia na atividade contínua da interação posto que ser indivíduo é apoderar-se de uma responsabilidade de livre escolha e das conseqüências da interação (Bauman, 2007).

Com a evolução social, instaura-se, então, o narcisismo como uma nova perspectiva do individualismo. Isso significa uma mudança na relação da pessoa consigo mesma, com o seu corpo, com o mundo e, inevitavelmente, com o tempo. Afirma-se o individualismo puro, seguido do capitalismo hedonista e da mudança da esfera privada, entregue aos desejos e transformações dos sujeitos (Lipovetsky, 1983).

Em face disso, as pessoas inseridas na realidade pós-moderna vivem um individualismo narcisista e, então, são tomados pela nostalgia do “ser”, quer seja pelos papéis desempenhados, quer seja pela realidade frívola e efêmera da qual estão inevitavelmente expostos (Touraine, 1994).

Pessoas narcísicas vivem no presente e não mais em função do passado e do futuro, estão focados em si mesmos, não havendo preocupação com tradições nem com a posteridade, demonstrando total desprendimento do que passou e do que há por vir (Lipovetsky, 1983).

O narcisismo diverge da idéia popular do amor de alguém por sua própria beleza, num aspecto mais estrito e com um distúrbio de caráter. Entretanto é a preocupação consigo mesmo que impede alguém de entender aquilo que é inerente ao domínio do “eu” e da autogratificação e aquilo que não lhe é inerente. Assim, o narcisismo é uma obsessão com “aquilo que esta pessoa, este acontecimento significa para mim” (Sennett, 1988, p. 21).

Em contrapartida, o narcisismo, nesta cultura do consumo de massa, é estimulado de forma a ver o mundo como o espelho de seus medos e desejos, tornando-os mais frágeis e dependentes quando se percebe impossibilitado de formar o mundo e prover suas próprias necessidades (Lash, 1990).

O individualismo narcísico leva a pessoa a viver para si, independente da opinião das outras, favorecendo o privilégio de suas emoções íntimas. Entretanto, há a veemente importância em destacar-se, em marcar sua particularidade, de sentir-se privilegiado no império do luxo, no qual o individualismo é presente e há a necessidade de afirmar-se e de ser destaque com relação aos outros membros da sociedade (Lipovetsky, 2005).

Portanto, o narcisismo tem duas características relevantes: estimula a introjeção das necessidades do eu e, ainda, bloqueia a satisfação que, em certos momentos, evita o contato e a evolução das relações sociais (Sennett, 1988). O indivíduo é levado, então, a construir sua identidade no cultivo da individualização – que não deve ser confundida com egoísmo ou egocentrismo.

“Longe de derivar de uma tomada de consciência desencantada, o narcisismo é efeito do crescimento de uma lógica social individualista hedonista impulsionada pelo universo dos objetos e signos (...)” (Lipovetsky, 1983, p. 51).

Com isso, a pós-modernidade está repleta de pessoas com questões narcísicas que são, antes de tudo, inseguros de seus próprios limites e, dessa forma, é evidente a crescente preocupação com a identidade. A confusão em se definir as fronteiras da individualidade

origina prejuízos na construção dessa identidade, devido às imposições da cultura, principalmente pelo controle que é, além de um fator político e econômico, um fator cultural (Lash, 1990).

O narcisismo é, como defende Lash (1979, citado em Lipovetsky, 1983), uma estrutura constitutiva da personalidade pós-moderna e é resultante de um processo no qual direciona o funcionamento social. Tudo é direcionado para a promoção de um individualismo puro orientado para a “valorização generalizada do sujeito” (Lipovetsky, 1983, p. 50).

Dessa forma, as pessoas costumam ver a vida das outras como obras de arte e, por isso, tendem a fazer o mesmo – procuram florescer suas vidas a fim de transformá-la ou de aproximá-la dessa fantástica arte que se revela na vida do outro. Tal fato incentiva a busca por sua própria identidade – uma imagem de harmonia e lógica. Tal busca é, além de tudo, uma tentativa de dar forma ao disforme, de buscar saber e tentar entender questões sobre si (Bauman, 2001).

“A identidade tornou-se incerta e problemática, não porque as pessoas não ocupem mais posições fixas (...), mas porque elas não mais habitam um mundo que exista independentemente delas” (Lash, 1990, p.28).

As pessoas que vivem a pós-modernidade, estão expostas a uma cultura de massa e a uma divisão pessoal, resultando a perda da identidade, direcionado à procura de curar o sentimento desse sujeito cindido, haja vista que ele não pode recorrer a uma sociedade racional (Touraine, 1998).

Dessa forma, cria-se uma sociedade de espelhos e de imagens superficiais e o sujeito sente-se como um objeto a mercê da sociedade que é repleta de luxo e fantasias. A partir daí, Lash (1990) defende que nesta época de imagens e ideologia, a diferença entre realidade e fantasia torna-se cada vez mais ilusória.

Quanto mais a sociedade evolui, mais se propaga a obsessão de uma identidade que não é mais definida em termos sociais, quer se trate do comunitarismo dos países pobres ou do individualismo narcisista dos países ricos (Touraine, 1994).

Em contrapartida, o pós-moderno proporciona ao sujeito ser ele mesmo e, acima de tudo, vangloriar e exaltar seu corpo, sua juventude e sua beleza e, ainda, livrar-se de tabus e pesos arcaicos inaceitáveis na contemporaneidade o que, de certa forma, contribui para a construção e estruturação da identidade destas pessoas (Lipovetsky, 1983).

A sociedade está em constante evolução e, conseqüentemente, a realidade dos sujeitos, as relações de troca, a formação de grupos e os relacionamentos sociais, tanto amorosos quanto de interesse, acompanham o império da pós-modernidade.

Com o narcisismo presente, o amor físico passa por um processo de redefinição, passando dos termos do erotismo para os termos da sexualidade que não se iguala aos sentimentos que muitos tentam moldar, ela exige, além de tudo, que os sujeitos se submetam a ela. Dessa forma, a realidade saiu do erotismo no qual a expressão social dava-se por meio de ações, escolhas e interações, para a sexualidade que é um estado no qual o ato físico do amor ocorre como um resultado natural do sentimento de intimidade entre duas pessoas (Sennett, 1988).

Em contrapartida, entra em jogo – interferindo nesses sentimentos entre duas pessoas – a “sociedade narcísica do espetáculo” na qual o autocentro e o individualismo conquistam seu espaço, resultando em uma anulação da alteridade, ao passo que o enaltecimento de si mesmo entra em voga (Oliveira, 2006).

De forma a acompanhar o processo pós-moderno, o amor físico tomou proporções significativas. O problema dessa sociedade, além dos comportamentos, são as soluções impessoais que não suscitam muita paixão, deixando de lado sentimentos e priorizando as

relações corporais tendo em vista que a sexualidade pode ser desvendada, descoberta, mas não dominada. Instaure-se, então, um desejo de desvendar um mistério indomado (Sennett, 1988).

As relações de amor na pós-modernidade tendem a ser cada vez menos rígidas, e pouco duradouras, com um visível aspecto frívolo e austero. Isso quer dizer que a fragilidade dos laços humanos é evidente, ao passo que a sexualidade e o efêmero prevalecem, complementando a era da superficialidade e da distância emocional. Nesse contexto, evidencia-se a impessoalidade e, ainda aspectos do narcisismo:

Quando se trata de sexualidade, o narcisismo afasta o amor físico de qualquer compromisso, seja ele pessoal ou social. Isso leva a uma busca insaciável de auto-satisfação que é barrada pelo eu como forma de se proteger. As pessoas procuram relacionar-se, ou seja, medir se o outro preocupa-se consigo mesmo, mas para isso, precisam verificar se ele está aberto, quer dizer, é um disfarce para medir a interação social no que diz respeito à permuta de confissões (Sennett, 1988, p. 90).

CAPÍTULO 2

VÍNCULOS AFETIVOS E FRAGILIDADE DOS LAÇOS HUMANOS

“Você tem que estar preparado para se queimar na sua própria chama: como se renovar sem primeiro se tornar cinzas?”
(Nietzsche, 2000, citado em Yalom, 2005, p. 8)

2.1 A Formação de Vínculos Afetivos

A afetividade e o vínculo são fatores essenciais para que as pessoas possam viver em sociedade, pois são aspectos cruciais no desenvolvimento humano. Diversos estudos (Ricotta, 2002; Berthoud, 1998; Gomes & Silva Junior, 2007) mostram a importância e a origem do afeto e dos vínculos, inclusive a contribuição da Psicanálise que é significativa na produção de conhecimento, mas não é o foco desta discussão. O essencial é perceber que afeto e vínculo estão, de certa forma, interligados e são partes do viver em sociedade.

Consoante a tais afirmações, é evidente a presença e a importância do afeto na vida dos sujeitos contemporâneos e, por isso, é um fator que desencadeia uma série de processos e questões a serem resolvidas devido à profusão de sentimentos ligados a este contexto.

Um dos grandes problemas, para algumas pessoas, é o medo de tornarem-se reféns de suas próprias emoções, de sentirem-se presos e reprimidos, portanto, evitam que as emoções surjam, a fim de preservar-se e de continuar vivendo na fantasiosa realidade da satisfação imediata. Além disso, evitam o contato mais íntimo com outras pessoas com o intuito de pouparem a dor e a rejeição, visto que, desta forma, podem continuar com a ilusão de que possuem o controle da vida, dos sentimentos e da realidade (Bandler & Lebeau, 1993).

Desta forma, para evitar sofrimentos e para estruturar a emoção de forma sólida e consistente, Lemos (1994) argumenta que a sociedade precisa começar a pensar na *educação do afeto*. Neste contexto, educação deve ser entendida como “aprender a se conduzir no mundo” (Lemos, 1994, p.12). Tal fator se refere à forma como os sujeitos aprendem a conduzir, de modo a preservar as relações entre os indivíduos e a melhorar as formas de trocas afetivas numa sociedade que está em constante mudança.

Com isso, percebe-se que a dificuldade e a necessidade em se estabelecer uma educação do afeto é devido a questões culturais que os sujeitos atribuem pouca importância e, por isso, acostumam-se com esta realidade. Relacionamentos precisam de disposição para arriscar e para confiar na própria intuição por ser um fator que necessita de uma ligação ampla com o outro. Desta forma, as relações tomam um papel secundário ao passo que os sujeitos acomodam-se diante da situação e, este costume, é uma espécie de nevoeiro – só percebe-se depois que ele se desfaz, quando o dia se torna límpido e claro. Na maioria das vezes, as coisas se naturalizam e apenas tornam-se perceptíveis quando seus efeitos estão por toda parte (Ferguson, 1997).

Esta forma que as pessoas encontraram de evitar os relacionamentos é devido ao medo que é causado diante de questões que possam fugir do controle. Este sentimento é presente, deixando-os, muitas vezes, imobilizados. Com isso, as pessoas pouco conseguem demonstrar suas emoções, não conseguem se envolver sentimentalmente com outra pessoa, tampouco manter uma relação saudável de troca de afeto (Bandler & Lebeau, 1993).

Estabelecer contatos e relacionar-se é inevitável. São questões que os indivíduos não têm e não podem ter controle. Estabelecer vínculos é um processo constante no qual todos os sujeitos estão expostos (Ricotta, 2002).

Estabelecer vínculos afetivos é essencial na realidade dos sujeitos, sejam vínculos de sucesso, sejam laços que causem preocupações e sofrimentos em decorrência de certos fatores atitudinais ou subjetivos (Berthoud, 1998).

Conviver é fundamental para criar vínculos ou se envolver com alguém, tendo em vista que fatores como a confiança e o empenho direcionados a criar laços são essenciais para que esta atitude tenha sucesso. Desta forma, evidencia-se que a convivência não é o único fator necessário para o sucesso deste vínculo, pois é clara a dificuldade em estabelecê-los, partindo do pressuposto de que, para isto, é necessária uma relação mais profunda que envolva sentimentos e emoções, partindo de uma esfera qualitativa e emocional (Ricotta, 2002).

As pessoas estão sempre procurando relacionar-se, mas ao mesmo tempo desconfiados da condição de estar ligado a alguém, pois temem que esta condição possa, conseqüentemente, trazer responsabilidades e tensões que, talvez, não estejam dispostos a enfrentar, haja vista que certas situações limitam a liberdade desses sujeitos (Bauman, 2004).

Estabelecer vínculos e, portanto, relacionar-se demanda disposição e respeito ao espaço do outro. Diante disto, algumas pessoas apresentam dificuldades em respeitar a individualidade do outro, não tendo a clareza de que a formação do vínculo dá-se, além de tudo, a partir do respeito, da disposição e da aceitação.

Esta discussão é importante partindo do pressuposto que muitas pessoas tornam-se dependentes dos sentimentos e das emoções dos outros, não sabem respeitar a individualidade e o espaço que o outro precisa. Em outras palavras, certas pessoas sentem-se bem e felizes quando sabem que seu filho, seu amigo está feliz também e vice-versa. É importante ressaltar que esta não é uma visão determinista, mas algumas pessoas só estão satisfeitas quando alguém muito próximo também está. Esta relação de co-dependência prejudica o desenvolvimento inclusive afetivo de tal sujeito (Bandler & Lebeau, 1993).

Não obstante, outro fator importante no estabelecimento e manutenção dos vínculos é a empatia, ou seja, a tendência para se colocar no lugar do outro. Tal fator possibilita uma significativa identificação entre os sujeitos que se relacionam, fortalecendo, por conseguinte, o vínculo afetivo e causando emoções positivas. Em consonância a isto, fica evidente que este processo está relacionado a uma reciprocidade entre as pessoas e, ainda, a sua capacidade de escolhas. Explica, portanto, porque os sujeitos se identificam uns com os outros, de acordo com determinadas características (Ricotta, 2002).

A empatia ajuda na compreensão dos sentimentos do outro, mesmo que não compartilhe os mesmos sentimentos. Quando os jornais mostram, por exemplo, uma mãe chorando porque perdeu um filho, as pessoas compreendem sua dor, mas não conseguem alcançar tal sentimento de tristeza e até desespero daquela mulher (Vandenbergue, 2006).

Entretanto, vínculos são, também, estabelecidos ao longo dos anos e são importantes na vida social dos sujeitos, tendo em vista que a vida dos mesmos se organiza, de certa forma, na maneira como mantêm os relacionamentos, dos mais íntimos e profundos até os mais superficiais e efêmeros (Berthoud, 1998).

2.2 A Fragilidade dos laços humanos

Nesta sociedade na qual o individualismo é o que prevalece, a fragilidade das relações humanas aumenta à medida que o Eu torna-se alvo de todos os investimentos e preocupações centrais de todos os sujeitos. Evidencia-se, então, o narcisismo em detrimento das relações, pois o sujeito tende a tornar-se absorto em si e em busca da “plena realização do Ego puro” (Lipovetsky, 1983, p. 53).

Como discutido no capítulo anterior, a individualidade é vigente e reina, além de tudo, na era líquida. Por conseguinte, entende-se a dificuldade que os sujeitos têm em estabelecer relações afetivas que possuam laços firmes, haja vista a evidente dificuldade em

respeitar o espaço do outro ou dividir sua individualidade com este outro. Diante desta realidade, o sujeito vive ensimesmado, procurando não enfrentar os conflitos decorrentes destas questões pós-modernas que fazem parte da realidade de toda a sociedade da instantaneidade e do consumo.

A individualidade proporciona às pessoas emoções e sensações e é isso que une ou separa uma das outras, pois a atitude de um determinado sujeito interfere no que o outro pensa ou sente. É um ciclo no qual um é influenciado pelo outro (Ricotta, 2002).

De acordo com o anteriormente exposto, evidenciada a necessidade que os sujeitos têm em estabelecer vínculos, Berthoud (1998) reforça que eles são essenciais, haja vista que os sujeitos precisam de uma rede de relacionamentos interpessoais de amizades, de paixão, de satisfação sexual, para atender diversas necessidades. Mesmo que estes vínculos sejam efêmeros, eles dão sentido à existência dos sujeitos e contribuem para a construção da identidade e, inclusive, da individualidade de cada um.

Diante disso, a modernidade líquida leva à reflexão de que a fragilidade dos vínculos humanos gera um sentimento de insegurança que aflora desejos e conflitos, pois o contato com o outro sempre foi primordial e, então, as relações tornam-se instáveis e visam a uma satisfação temporária.

A preocupação das pessoas “não é viver melhor o amanhã, mas de modo diferente o hoje” (Touraine, 1998, p. 16), contudo, percebe-se que a preocupação maior está focada no presente que deve ser cultivado e, por isso, o futuro seria uma consequência do viver hoje. O que acontece, muitas vezes, é a distorção deste foco e a preocupação apenas com o número e não com a qualidade. Instaure-se, então, uma contradição visto que o viver hoje não significa viver bem, mas usufruir ao máximo e sem limites.

Na pós-modernidade as relações são muito mais quantitativas, ao invés de qualitativas. O relacionar se transformou em uma espécie de troca, ou seja, os sujeitos tomam

atitudes a partir do que receberam ou baseados no que irão receber e esquecem-se dos sentimentos, transformando os laços afetivos em uma questão de interesse (Enriquez, 2007).

A sociedade líquida questiona o fato de sacrificar uma satisfação individual em nome de uma causa mais importante que essa satisfação do indivíduo, pois despreza ideais a longo prazo, está muito centrada e focada no quesito quantitativo das relações e das vivências. A qualidade das relações e das satisfações perdeu o *glamour*, partindo do pressuposto de que o foco principal da sociedade pós-moderna é a gratificação instantânea e a felicidade individual (Bauman, 2007).

Essas relações são vistas como quantitativas por perderem o seu significado intrínseco que é caracterizado, entre outras coisas, pela aceitação do outro e pelo companheirismo. Esses fatores perdem significado quando o lado qualitativo perde sua vez, evidenciado a superficialidade e a transformação do outro como objeto.

Diante disso, percebe-se que, atualmente, as pessoas tornaram-se superficiais, ao passo que a autenticidade, fator importante nos sujeitos, é uma busca sem fundamentos. As pessoas procuram esta autenticidade, mas esquecem da espontaneidade. Fato que evidencia tal afirmação, é a realidade do mundo de trabalho, os sujeitos são mais astutos, dissimulados e usam máscaras para viver nesta realidade pós-moderna e, com isso, enfraquecem-se os laços de confiança, haja vista a evidente projeção e que tal dissimulação pode ser percebida por outros sujeitos (Lipovetsky, 1983).

Neste contexto, Lipovetsky (1983) chama de autenticidade a expressão dos indivíduos livremente, sem restrições.

Embora seja importante pensar em si como prioridade, o sujeito pós-moderno torna esse narcisismo um tanto exagerado, de forma a prejudicar as relações, ao passo que em momento algum pode perder uma boa ocasião, pois pode ser única. Há, então, o início de uma

obsessão pela plenitude individualista. O coletivo começa a ser plano de fundo na vida dos sujeitos da modernidade líquida (Bauman, 2001).

Os sujeitos têm um certo medo do abandono e de serem dominados pelas emoções ou pelo outro. Isso faz com que se isolem, evitando ser absorvidos por este outro. Tal discussão faz sentido a partir do pressuposto de que o sujeito, atualmente, vive preso nessa individualidade narcísica, criando uma couraça entre ele e a realidade, a fim de evitar que seu domínio sobre si caia por terra (Bradshaw, 1993).

Diante disto, May (1987) defende que o problema dos sujeitos contemporâneos é o vazio, isto quer dizer que estas pessoas ignoram suas próprias vontades e, como se não bastasse, não possuem uma idéia clara dos seus sentimentos. Partindo desta discussão, ele argumenta que existe uma dificuldade evidente nos sujeitos que está relacionada ao pouco contato consigo, o indivíduo não sabe quais são seus reais desejos e necessidades, e ainda, não têm autonomia. Portanto, tais sensações e dúvidas fazem com que os sujeitos sintam-se impotentes e, conseqüentemente, vazios, o que cria um ciclo no qual compreende-se a dificuldade nas relações afetivas.

Os processos da hipermodernidade criaram um individualismo que, por certas vezes, pode ser caracterizado como hedonista/ competitivo que está relacionada à forma como as coisas no mundo são dissolúveis, substanciais, que, por conseguinte, apaga as fronteiras entre o sujeito e seus arredores, o que gera uma dificuldade em relacionar-se. Os sujeitos ficam imersos nas fantasias do consumo hedonista e não percebem o mundo a sua volta, não se preocupando com nada além do prazer pelo prazer (Lash, 1990).

Estas questões levam a refletir o papel do sujeito na sociedade e à exaltação da individualidade narcisista e hedonista. Desta forma, evidencia-se a “totalidade do indivíduo” em detrimento da busca de metas definidas (Reich citado em Lash, 1990). Em outras palavras,

as atitudes mecanicistas de causalidade num sentido linear de tempo, tomam forma e são evidenciadas na realidade da instantaneidade (Lash, 1990).

Nenhuma das conexões que venham a preencher a lacuna deixada pelos vínculos ausentes ou obsoletos tem, contudo, a garantia de permanência. De qualquer modo, eles só precisam ser frouxamente atados, para que possam ser outra vez desfeitos, sem grandes delongas, quando os cenários mudarem – o que, na modernidade líquida, decerto ocorrerá repetidas vezes (Bauman, 2004, p. 7).

Devido a essa fragilidade dos vínculos, os sujeitos criam uma espécie de “relacionamento de bolso”, ou seja, um tipo de relacionamento que pode ser usado sempre que necessário e, depois, é guardado para se utilizar no futuro, pois são tão descartáveis quanto os relacionamentos virtuais. Estes são caracterizados pela facilidade em “administrar”, estão mais sujeitos à vontade e ao poder das pessoas. Cada um tem o poder de, a qualquer momento, resgatar ou descartar com facilidade e certa tranquilidade (Bauman, 2004, p. 36).

Os vínculos virtuais não são estabelecidos de maneira concreta, por serem, de certa forma, imaginários e por satisfazerem carências momentâneas dos sujeitos. Está, como chamava Platão, no mundo das idéias, das fantasias, e então, são caracterizados como passageiros e superficiais (Ricotta, 2002).

Como discutido anteriormente, a busca pela facilidade e pelo controle é eminente e, por isso, algumas relações tornam motivo de desgaste. Por isto, atualmente, alguns preferem criar redes ao invés de relações consistentes com o intuito de manter a individualidade fortemente perseguida. Cria-se, então, as relações virtuais, nas quais o “deletar” é muito mais simples, mas que mantêm significativa superficialidade e, ainda, um motivo específico: pode-se sair e entrar ao bel prazer, sem o direito de exigir ou esperar cobranças (Bauman, 2004).

Apesar desta facilidade, os sujeitos que aderem aos relacionamentos virtuais devem, então, estar preparados para os perigos que tal relação oferece. Na maioria deles, existe a

mesma troca de confidências que aconteceria numa “relação presencial”, mas as atenções devem estar voltadas ao *fake*, ou seja, aquela pessoa pode ser literalmente virtual e incorporar um papel. A internet favorece a criação de características e de traços de personalidade irreais e muitas pessoas embarcam nessa aventura de enganar os outros. Desta forma, evidencia-se a necessidade de estar atento aos relacionamentos virtuais, tendo em vista que na modernidade líquida a fantasia e a teatralidade estão em voga.

Desta forma, as relações virtuais caracterizam-se por serem superficiais, partindo do pressuposto de que são interações frágeis, que não promovem contato físico, dificultam a intimidade e, ainda, são dependentes da interpretação que cada sujeito dá ao que o outro escreve. A partir daí, configuram-se relações que a cada dia são mais comuns devido ao advento da internet que gera, conseqüentemente, o aumento da ilusória criação de laços afetivos, pois podem ser desfeitos com a mesma rapidez que foram construídos (Bauman, 2004).

Atualmente, a individualização governa a vida das pessoas que vivem na pós-modernidade e, por isso, os relacionamentos geram sentimentos ambíguos. São, portanto, representantes claros e comuns de uma ambivalência social (Bauman, 2004).

Partindo desta discussão, a fragilidade das relações humanas leva os sujeitos a sentirem uma certa insegurança que potencializa sentimentos ambíguos, ou seja, provoca um sentimento de que os laços humanos são frouxos e, ao mesmo tempo, estreitos. Diante do contexto de individualização e da precariedade dos sentimentos, essa ambivalência aflora ao passo que os sujeitos se esforçam para se relacionar, na busca da preservação do seu espaço e do cultivo, simultaneamente, da individualidade (Bauman, 2004, citado em Gomes e Silva Junior, 2007).

Diante desta discussão acerca da frágil relação entre os sujeitos e da dificuldade em se estabelecer vínculos concretos, Berthoud (1998) fornece uma visão oposta e significativa

na defesa dos vínculos de apego, portanto, duradouros. Argumenta que, no apego, existe um vínculo afetivo e, por isso, não é substituída por outra, mesmo que o sujeito se apegue por outra pessoa. No apego, há uma necessidade em estar próximo, de segurança no relacionamento.

CAPÍTULO 3

REFLEXÕES SOBRE O AMOR NA PÓS-MODERNIDADE

“to love myself enough so that I do not need another to make me happy”(Lipovetsky, 1983, citado em Costa, 1998, p. 134).

3.1 A busca do amor instantâneo

“Amarás ao próximo como a ti mesmo”. O Mandamento da Lei de Deus foi, por muito tempo, base na educação de muitas crianças que hoje são jovens que acompanharam o avanço do tempo, a evolução do consumo e a chegada da instantaneidade e, entretanto, fazem parte da hipermodernidade que não se preocupa tanto com o amor ao próximo, o que instaura uma frágil relação de afeto com o outro (Bauman, 2004).

O próximo é visto como um estranho e, por isso, a dificuldade em amá-lo com tanto fervor. Desta forma, os sujeitos estão numa condição na qual não se pode escolher a quem direcionar seus sentimentos, tornando seu amor, devido a isto, pouco valoroso: “meu amor, para mim, é algo de valioso, que não devo jogar fora sem reflexão” (Freud, 1930, p. 130, citado em Barros, 1998).

Refletir sobre o amor é uma tarefa a ser enfrentada neste capítulo após a discussão acerca da dificuldade em se estabelecer vínculos e sobre a fragilidade dos laços afetivos na pós-modernidade e, com isso, alguns autores são enfáticos e acreditam na existência de um amor em tempos de relações líquidas e atitudes individualistas. É um desafio saber se o sujeito do hipernarcisismo, constantemente voltado à instantaneidade, está predisposto a um sentimento de entrega e de partilha.

No passado, o amor tinha um prestígio cultural significativo, entretanto, na atualidade, ele tornou-se apenas algo gratuito e passageiro, sem tanto encanto. Com isto, passou a ser associado ao sofrimento e as pessoas que não estão dispostas a sofrer, optam por não amar. Tornar este amor real é, acima de tudo, uma obsessão, em alguns casos, devido a grande necessidade em relacionar-se, em ser aceito e apreciado (Costa, 1998).

“O sofrimento causado pela frustração de expectativas amorosas onipotentes vem imunizando os sujeitos contra o amor romântico” (Badinter, 1986, citado em Costa, 1998). Nesta discussão, percebe-se que as pessoas procuram evitar a dor mesmo que para isso seja necessário se privar do amor, ao passo que colecionam uma variedade de relacionamentos, na tentativa de evitar a solidão e a prevalência do sofrer.

Desta forma, as pessoas evitam o amor por ele ser caracterizado como uma entrega ao outro e, ainda, por ser oposto à racionalidade, em outras palavras, é um sentimento no qual a vontade de evitá-lo não é suficiente (Costa, 1998). É por isto que o amor é um sentimento pouco cultivado, os sujeitos preferem fechar-se na individualidade e na razão a fim de impedir qualquer situação ou sentimento que o faça perder o controle da sua vida e das suas fantasias narcisistas.

O amor ficou cercado de frivolidade e de competição, egoísmo e superficialidade, perdendo a perfeição mítica de outrora. Era protegido, entretanto, contra o tempo e contra o uso, quando, de repente, “tornou-se um sentimento a mais na dieta dos prazeres a quilo” (Costa, 1998, p. 20). Visto, então, apenas como mais um sentimento na realidade do consumo e da satisfação instantânea, na qual quando algo perde o interesse, vai direto para o vazio do fundo do inconsciente, ou, se preferir, para a lata do lixo.

As pessoas são focadas no efêmero e acostumaram-se com o obsoleto. Partindo deste pressuposto, pensar no amor a longo prazo é, de certa forma, incômodo e inviável, tendo em

vista o crescente interesse em prazeres passageiros e que proporcionem satisfação, visto que é importante não se sentir frustrado na relação com o mundo e com o outro.

A discussão de Costa (1998) vai mais fundo na questão da liquidez e na dificuldade em tornar as coisas em algo concreto. Em alguns casos, alimenta-se um paradigma no qual as pessoas aspiram um amor imortal, mas esperando o seu final, para, então, poder viver a próxima aventura amorosa e se esbaldar com o fútil e o efêmero nesta constante inércia de sentimentos e costumes.

Logo, alguns fatores ficam mais evidentes: o sujeito está inerte e absorto em seus próprios costumes e sensações narcísicas hedonistas, esquecendo-se do outro, preferindo a satisfação imediata. Assim é a pessoa pós-moderna. Àquela que cultiva o instantâneo.

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amor é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a ‘experiência amorosa’ à semelhança de outras mercadorias, que fascina e seduz exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço (Bauman, 2004, p. 21).

Desta forma, percebe-se que as pessoas estão voltadas ao consumo, pois assim, ele pode ter o controle, ou seja, quando alguém vai comprar determinado objeto, ele tem o poder que a escolha o proporciona. Diante de tal fato, os sujeitos encaram seus sentimentos da mesma forma, fazendo com que o amor torne-se um sentimento de troca e de poder, no qual o “eu” pode escolher o momento certo de possuir, de descartar ou de trocar. Percebe-se, então, que a relação com o outro torna-se, também, consumo, ou seja, consome-se a relação com o outro enquanto esta o satisfaz.

Em consonância a estas afirmações, o “eu” é o bem mais precioso e merece ser cultivado, não existe a idéia de outrora na qual o outro estava em voga. Tal concepção foi abandonada para o cultivo do próprio sujeito na sua individualidade e no seu hedonismo, a favor do amor próprio e na manutenção do bem estar, do luxo de existir, de poder explorar-se o máximo possível (Badinter, 1986, citado em Costa, 1998).

Entretanto, os relacionamentos podem ser comparados a um jogo de sorte, sendo que a solidão produz tamanha insegurança que as pessoas optam por relacionar-se, mas, ilusão de quem imagina que ter um *affair* afastará a solidão. (Bauman, 2004, p. 30).

Em contrapartida à idéia de Bauman (2004), Badinter (1986, citado em Costa, 1998) defende que a tendência, é evitar qualquer empecilho que prejudique a liberdade de ser e de existir, mesmo que seja o amor. A solidão torna-se, portanto, preferida em detrimento das relações amorosas. Desta forma, a cultura narcísica torna-se uma espécie de inibidora das relações amorosas e, os sujeitos passam a desejar alguém à medida que este alguém pode acrescentar, de forma a engrandecer o eu, caso contrário, passa a ser rejeitado, com o intuito de impedir o prejuízo ao controle da sua vida.

Relacionamentos, atualmente, estão pautados em uma insegurança permanente e em muita preocupação. Não fornece segurança e as pessoas ficam na incerteza de ter feito a opção certa e no momento oportuno. Tal envolvimento pode ser uma opção para fugir da solidão, mas ao contrário, ele proporciona mais insegurança e ansiedade, partindo do pressuposto de que as pessoas de hoje em dia são um poço de desconforto e precisam estar sempre atentas para não serem trocadas como mercadorias – apesar de fazerem isto repetidas vezes (Bauman, 2004).

Atualmente, evidencia-se a existência do que Giddens (1993) chama de amor confluyente, em outras palavras, é um sentimento que viabiliza um relacionamento no qual a sexualidade é um fator a ser negociado como parte do relacionamento. Ele é avesso ao sonho

de “para sempre” e, a partir dele, entende-se a crescente separação de casais. Tais questões estimulam o afastamento da procura da “cara metade” ou do parceiro infinito.

No amor confluyente o elemento chave é a realização do prazer sexual recíproco que é responsável pela manutenção ou dissolução dos relacionamentos. Com isso, emerge a preocupação com o cultivo das habilidades sexuais e, ainda, não exige uma exclusividade sexual. Desta forma, não há uma exigência de exclusividade de parceiros, até que ambos considerem desejável ou essencial (Giddens, 1993).

As relações de amor não são simples e, muitas vezes levam à separação por se tratarem de um laço duplo, isto é, são constituídas por duas pessoas distintas, com sentimentos, aspirações e valores diferentes e, por isso, precisa ser negociada, visto que é importante a construção em parceria. Esta dificuldade pode levar à separação, mas dificilmente ao sentimento de falha ou derrota (Vandenbergue, 2006).

Para se construir um relacionamento é necessário, acima de tudo, que ambos estejam dispostos a manter, cultivar e se entregar, mas caso o contrário aconteça, é preciso apenas que a vontade de um prevaleça a fim de romper com o relacionamento. A partir daí, os sentimentos do parceiro não contam mais, as feridas que serão abertas não fazem mais parte do cuidado de ambos, mas sim do cultivo solitário e, por vezes, duradouro. Neste momento, “o outro conta pouco” (Costa, 1998, p. 138).

A palavra “amor” tomou diversos significados e, com isso, “noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de ‘fazer amor’” (Bauman, 2004, p. 19). Tal sentimento tornou-se banalizado e, com isso, relacionado ao sexo e à satisfação sexual. A sexualidade, então, é um estado no qual o amor físico acontece como um resultado natural de um sentimento de intimidade entre as pessoas (Sennett, 1988), mas não é esta a discussão central. A sexualidade deve, então, ser vista como uma discussão distinta à do amor.

3.2 A passagem do amor para a realidade pós-moderna

Amar implica em uma mudança na rotina e na realidade das pessoas, pois é um sentimento invasivo e perturbador (Giddens, 1993). Provoca sensações e sentimentos que são aversivos aos sujeitos hipermodernos, ao passo que evitam qualquer coisa que o tirem do foco ou roube sua individualidade e o fantasioso controle da sua vida.

“O amor romântico pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo-se como base as qualidades intrínsecas desse próprio vínculo” (Giddens, 1993, p. 10). A partir desta afirmação, entende-se com mais clareza o motivo de os sujeitos evitarem tal sentimento. Como discutido anteriormente, os sujeitos evitam o que é duradouro, dando preferência ao que promove satisfação instantânea, visto que optam por viver no desprendimento.

Entretanto, muitos acreditam que o amor romântico está presente na vida das pessoas desde que são crianças. Histórias infantis, contos inesquecíveis como Romeu e Julieta, Cleópatra e Marco Antônio fazem parte da vida das pessoas e, percebe-se que, tal sentimento acaba sendo assimilado e aprendido com o passar dos anos. Diante disto, o amor já foi visto como algo grandioso e mágico que não importava o que acontecesse, não importava o tempo, ele sempre iria existir com uma força que superaria todos os entraves humanos (Costa, 1998).

Desta forma, algumas pessoas ainda acreditam que vão encontrar a alma gêmea, a criatura Andrógena, ou seja, aqueles seres que eram, ao mesmo tempo, o masculino e o feminino e então Zeus, o grande rei do Olimpo, os separou e, cada Andrógeno foi cortado em duas partes, tornando-se mais fracos e infelizes. Estes seres mutilados passaram a vida a procurar sua outra metade, sua alma gêmea. Quando se encontram novamente, a atração é incontrolável e procuram restaurar sua antiga forma, tentam se fundir, mas esta fusão é momentânea com o intuito de que a identidade de cada indivíduo sobreviva e este possa continuar com seu destino (Platão, 1999).

Percebe-se, então, o quão atual os Andrógenos se tornaram; estão sempre em busca do ser amado, ao passo que seu encontro é passageiro, a fim de respeitar sua individualidade e, portanto, a forma romântica de ver o amor não existe nos dias atuais. Ele passou a ser visto como mais um sentimento e, como todos os outros, pode ser evitado, trocado, perdendo todo este valor e significado de outrora.

O romance, com o passar do tempo, foi reduzido a um papel trivial e visto como uma representação do irreal e do fantasioso (Ferguson, 1997). Com isso, tal mudança na visão do amor fica clara quando Debord (1997) argumenta que, atualmente, as coisas e as mercadorias têm maior importância e as pessoas vivem apenas para fazer parte de um espetáculo. Os sujeitos consomem e vivem o reinado da moda, do *glamour*, do luxo e não do amor romântico. Entretanto, a definição romântica de “até que a morte os separe” está definitivamente fora de moda (Bauman, 2004).

O amor romântico estava presente na modernidade, entretanto, na pós-modernidade observa-se a mudança na forma de se relacionar com o outro. Os sentimentos são muito mais frágeis e, por vezes, incitados por interesses pessoais ou sociais, ou seja, as pessoas cultivam tal sentimento quando podem ganhar algo com isso. É perceptível a mudança na relação humana baseada nos sentimentos de afeto e de amor, visto que atualmente é difícil visualizar o romantismo e a firmeza dos laços de tempos atrás.

Desta forma, nesta realidade passageira, na qual se faz o cultivo da individualidade, os sentimentos vão aos poucos tomando sua forma. Com isso, compreende-se que as relações hipermodernas são “plásticas – como uma escultura, elas precisam ser moldadas e remoldadas” (Vandenbergue, 2006, p. 70). Isto quer dizer que as pessoas transitam de relações de forma que esta atitude tende a ser naturalizada e comumente aceita, pois já faz parte de uma realidade cultural e social.

É extremamente difícil encontrar uma verdade para o amor devido ao fato de ele possuir verdades múltiplas, ao passo que cada pessoa acredita no que faz sentido para ela em determinado momento da vida. Tal sentimento, encarado muitas vezes como o maior e mais sublime, pode acontecer e depende da percepção dos sujeitos e da verdade de cada um. Com isto, cada pessoa elege a verdade que julga mais pertinente, isto é, “o amor não se impõe a nós por força de sua ‘intrínseca verdade’, mas pelo valor que atribuímos a um de seus constituintes” (Costa, 1998, p. 165).

Neste contexto de relações frágeis e sentimentos passageiros, o amor toma forma por intermédio da afinidade que surge a partir de uma escolha dos sujeitos e exige uma instensa vigilância, pois é preciso disposição para cultivá-la para que não se torne, também, obsoleta. Apesar de tudo, a afinidade é um fator importante que pode dar início a uma relação amorosa, mesmo não sendo, invariavelmente, algo duradouro e indissolúvel (Bauman, 2004).

Manter a afinidade como um fator saudável e duradouro demanda disposição, pois se ela não for confirmada com o passar do tempo, corre o risco de definhar até que seja esquecida. É preciso, então, cultivar uma manutenção com recorrente vigilância, com o intuito de mantê-la útil e com perspectivas de longo prazo. Desta forma, é caracterizada como uma forma de vínculo, o que a torna perto da idéia de parentesco (algo mais sólido e confiável que não permite escolha), tornando-a, por vezes, assustadora, visto que os habitantes do líquido mundo moderno têm aversão ao que é durável e o que não se ajusta ao uso instantâneo ou que necessite de cultivo e disposição (Bauman, 2004).

Partindo desta discussão, pode-se perceber que o amor é possível de acontecer e que a afinidade é um fator que impulsiona o desejo em cultivar tal sentimento, apesar das limitações que ele pode promover, pois causam emoções que fogem do controle. A partir daí, o critério regente destes sentimentos é algo inacessível à razão, o que torna a pessoa amada exclusiva e insubstituível aos olhos de quem a ama (Costa S. 2005).

Percebe-se, nas relações, a ausência de um fator importante que muitas vezes é o motivo de desentendimentos: a liberdade da pessoa amada, ou seja:

Queremos que a pessoa amada seja livre para nos desejar, mas, sendo livre, pode escolher outro parceiro. A liberdade do outro se torna fonte de desafio, ciúme e vontade de domínio. Se o outro, no entanto, abre mão de sua autonomia, perde o atributo, por excelência, da desejabilidade, a livre decisão de nos amar. O ciclo é infundável (Paz, 1994, citado em Costa, 1998, p. 145).

Desta forma, é evidente como os sujeitos vivem numa torrente de confusões. Cultivam sua individualidade, a fim de preservar-se e de regozijar as vantagens de viver a era hedonista, preferindo deixar o outro livre, ao passo que necessita deste outro para desejá-lo e afirmá-lo a cada momento e, ainda, temendo perdê-lo exatamente pela opção de cultivar tal liberdade. Viver neste contexto é, acima de tudo, estar em constante contradição com o que acredita, com o que deseja e com o que espera.

Assim, há a retomada da pessoa como objeto de consumo, no qual o Eu é capaz de escolher qual produto quer adquirir, trocar ou descartar. Esta atitude de busca pelo controle do outro como mercadoria é, de certa forma, uma maneira de fugir de sentimentos que venham causar sofrimentos ou que, de alguma forma, torne-se prejudicial ao individualismo hedonista e narcísico cultivados pelos sujeitos pós-modernos.

Enfim, houve uma mudança na idéia de liberdade, dando lugar a novos valores que estão direcionados ao livre desenvolvimento da personalidade íntima, priorizou-se o indivíduo de ser realmente quem ele é e “viver livre e sem coação, escolher sem restrições o seu modo de existência” (Lipovetsky, 1983, p. 10).

Desta forma, as pessoas buscam uma libertação que significa desprender-se de algo que obstrui ou impede os movimentos, ou seja, deseja sentir-se livre para tomar atitudes, sem obstáculos, resistências ou qualquer impedimentos à movimentos ou pretensões. Com esta

concepção, percebe-se que, devido tal dificuldade de atingir esta liberdade há sofrimento, atribuído, muitas vezes, à incapacidade do indivíduo de tornar-se sujeito das suas vontades, atitudes e desejos (Bauman, 2001).

Esta ênfase ao individual está presente na hipermodernidade, devido à importância que se dá à realização pessoal imediata, tendo em vista que ninguém cultiva a fé no futuro, pois é menos preocupante viver o agora, ser jovem, ter o controle do outro e de si mesmo. Desta forma, os sujeitos se relacionam com o intuito de afirmar estas convicções e com o desejo de encontrar pessoas parecidas e que compartilham das mesmas preocupações imediatas e passageiras (Lipovetsky, 1983).

Apesar de acreditarem e defenderem de que “o amor tudo vence”, as pessoas são expostas à realidade quando percebem a grande influência que a cultura, a sociedade e as questões econômicas exercem sobre suas vidas tornando motivos de desajustamentos nas relações amorosas (Costa, 1998).

Desta forma, o amor romântico manteria a pureza de outrora caso não tivesse se reorganizado nem tomado novos significados na realidade pós-moderna e se os interesses econômicos e narcísicos não fossem prioridades e se as pessoas não cultivassem tanto sua fraqueza espiritual, no sentido de evitar frustrações e sofrimentos (Costa, 1998).

Portanto, a busca do amor na pós-modernidade finda com a visão de Santo Agostinho (citado por Costa, 1998, p. 37): “(...) o amor verdadeiro é de Deus e para Deus. Só esse amor verdadeiro (...) pode ser eterno”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise feita na literatura, pôde-se refletir vários aspectos da pós-modernidade que contribuem para a construção das pessoas, aspectos estes relacionados à fatores culturais e sociais, em especial. Desta forma, percebe-se que a pós-modernidade é um momento no qual as relações estão cada dia mais frágeis e mais superficiais, partindo do pressuposto de que as pessoas pouco se preocupam com os sentimentos e consternações do outro.

A realidade do instantâneo na qual o tempo é o que importa e a facilidade prevalece, favorece a percepção da fluidez na qual as relações esvaem-se com tamanha facilidade, defendida sempre por Bauman (2001; 2004; 2007) e, ainda, também por Lipovetsky (1983; 1989; 2004; 2005) que acrescenta que esta é a era da moda, do narcisismo e do hiperconsumo. Defendem, portanto, que a atualidade é baseada na individualidade e, por isso, na busca contínua do controle de todas as situações na vida, inclusive das pessoas.

A perceptível importância que a mercadoria tem e como ela ocupou seu espaço na vida das pessoas foi apresentado neste trabalho, pelo fato de ser atualmente potencializado pelo crescimento alarmante da globalização e do capitalismo tomado, por alguns, como forma de vida. A manutenção deste espetáculo dá-se pela crescente importância que as pessoas transferem para o “ter”, visto que é essencial vestir-se bem, além de tudo, tornando este sujeito um “consumidor de ilusões” que, por muitas vezes, se sacrifica apenas para ter o carro do ano ou a casa dos sonhos da mocinha da novela. Desta forma, “a mercadoria é essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral” (Debord, 1997, p. 33).

Partindo deste pressuposto, as pessoas sacrificam-se com mais intensidade para acompanhar estas transformações sociais, buscando primordialmente ter dinheiro para viver

no reinado da moda, das transformações culturais e da exigência do corpo perfeito. As discussões apresentadas ratificam a prevalência de uma realidade consternada e voltada ao culto do corpo, da individualidade, para poder, com isso, acompanhar as exigências da sociedade que corre a passos largos.

A emergência do capitalismo torna-se inevitável e, com ele, questões pós-modernas são acentuadas, visto que ambos exigem resultados imediatos e, conseqüentemente, a diferença entre próximo e distante torna-se significativamente sutil, visando à economia do tempo, o crescimento da internet e da globalização. Desta forma, tudo torna-se obsoleto com tamanha facilidade, coisas e pessoas se transformam em mercadorias de consumo e de troca e, a qualquer momento, perdem o valor (Bauman, 2001; Lipovetsky & Charles, 2004).

Esta questão acerca do crescimento do capitalismo é evidente quando se analisa a relação com o outro. As pessoas se preocupam mais em produzir e, cada dia menos em se relacionar, ao passo que o efêmero torna-se o rei desta era de incertezas. Contudo, a cultura atual prioriza, em sua gênese, a individualidade como fator de satisfação, em outras palavras, o foco, atualmente, é no hedonismo que caminha ao lado do consumo e da glorificação do capitalismo.

Percebe-se, então, que algumas pessoas procuram um relacionamento transformador no qual traga a libertação de incômodos e superficialidades ou que preencha algum tipo de vazio e, por vezes, transmita forças para encarar as dificuldades da vida. Há uma confiança para que propicie o alcance de mudanças contínuas, com novidades constantes e, ainda, transmita segurança e apoio (Ferguson, 1997).

Um fator importante, também observado no decorrer das discussões, é que os relacionamentos sexuais, com o passar do tempo, começaram a ser entendidos como uma forma de conquista, o que evita uma confiança profunda no outro, haja vista que os sujeitos objetivam, inicialmente, o sexo nas suas relações, não priorizando o afeto ou sentimentos

mais intrínsecos como benevolência e preocupação com o bem estar, inclusive, deste outro (Ferguson, 1997).

Esta fragilidade dos laços afetivos na pós-modernidade leva a inúmeras ponderações acerca das prioridades das pessoas que vivem neste contexto. As mudanças radicais que ocorreram no passar das décadas traz reflexões no que tange a construção do sujeito, que ainda não é, em sua maioria, um sujeito que se posiciona, mas que está à mercê das vontades e dos caprichos sociais que são tão arraigados e banalizados devido ao fato de as pessoas pouco se mobilizam para modificar crenças e valores muitas vezes desnecessários.

A naturalização da vida efêmera, da modernidade líquida, na qual tudo se esvai e se transforma rapidamente, da importância do consumo e do “ter” em detrimento do “ser”, da pouca importância que se dá ao outro, é devido à falta de vigilância e à dificuldade em se preocupar com o outro. Devido a esta realidade, algumas pessoas têm resistência à mudança, pois, para elas, mudar é, muitas vezes, uma das maiores dificuldades, visto que se vive em uma realidade na qual o comodismo se faz presente, a fim de evitar preocupações, o que serve de máscara social, ocultando os sofrimentos e perseguições existentes na atualidade.

Contudo, existem soluções que dependem da disposição das pessoas, como, por exemplo, uma preocupação maior com o vínculo e com o afeto, fatores importantes para uma vida saudável em qualquer época e em qualquer década. Desta forma, discute Bauman (2004), as pessoas procuram relacionar-se, mas não conseguem abrir mão da desconfiança, por estarem sempre inseguras do que esta relação pode ter como consequência no que tange, por exemplo, à liberdade e à entrega ao outro.

No decorrer deste trabalho, procurou-se destacar quão frágil e delicada são as relações humanas, tendo como foco maior as relações de amor no contexto pós-moderno e, ainda, como a coisificação das pessoas é evidente e torna-se cada dia mais presente na atualidade. A preocupação maior não foi encontrar uma forma de se viver na

hipermodernidade ou, até mesmo, sugerir soluções para se melhorar a realidade, procurou-se entender como esta fragilidade instaura-se no cotidiano das pessoas com um enfoque social e psicológico e, ainda, buscou-se levantar questionamentos a partir da literatura revisada, partindo do pressuposto de que é um tema atual e que merece estudos mais aprofundados.

Portanto, pôde-se perceber que há uma evidente importância no papel da Psicologia, com o intuito de formar profissionais que possam problematizar e escutar as pessoas que venham a se queixar destes problemas vivenciais, sendo importante uma formação e uma preocupação maior com fatores contemporâneos a fim de contribuir com um mundo no qual todos possam se relacionar de forma saudável e, acima de tudo, tornarem-se sujeitos das suas próprias vontades e desejos e não subordinadas à uma cultura e à uma sociedade que não prioriza sentimentos, tampouco, o cultivo do amor pelo outro, o que evitaria inúmeros problemas sociais e psicológicos.

(...) sobre a virtude de Amor devo depois disso falar, principalmente que Amor não comete nem sofre injustiça, nem de um deus ou contra um deus, nem de um homem ou contra um homem. À força, com efeito, nem ele cede, se algo cede – pois violência não toca em Amor – nem, quando age, age, pois todo homem de bom grado serve em tudo ao Amor, e o que de bom grado reconhece uma parte a outra, dizem ‘as leis, rainhas da cidade’, é justo. É com efeito a temperança, reconhecidamente, o domínio sobre prazeres e desejos; ora, o Amor, nenhum prazer lhe é predominante; e se inferiores, seriam dominados por Amor, e ele os dominaria, e dominando prazeres e desejos seria o Amor excepcionalmente temperante (Platão, 1999, p. 140).

REFERÊNCIAS

- Alves, R. (2006). *Reverência pela vida*. Campinas: Papirus.
- Bandler, L. C., & Lebeau, M. (1993). *O Refém Emocional* (3ª ed.). São Paulo: Summus.
- Barros. (1998). Paixões do Ser. Em: A. L. S. Lutterback-Hölck, & C. E. L. Vianna (orgs.). Rio de Janeiro: Kalimeros - Escola Brasileira de Psicanálise.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. C. A. Medeiros (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2007). *Vida Líquida*. C. A. Medeiros (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Berthoud, C. M. (1998). Formando e rompendo vínculos: a grande aventura da vida. Em: C. M. Bertoud; M. H. Bromberg, & M. R. Coelho (orgs.), *Ensaio sobre Formação e Rompimento de Vínculos Afetivos*. Taubaté: Cabral Editora Universitária.
- Bradshaw, J. (1993). *Volta ao lar*. A. S. Rodrigues (Trad.) Rio de Janeiro: Rocco.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico* (5 ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Costa, S. (2005). Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. *Novos estudos – CEBRAP*. n. 73, 11, 111-124.
- Debord, G. (1997). *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Enriquez, E. (06 de Outubro de 2007). Entrevista concedida ao Programa Milênio. (E. Carvalho, Entrevistador) Globo News.
- Ferguson, M. (1997). *A Conspiração Aquariana*. (11ª ed.). Rio de Janeiro: Record.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Gomes, L. G. N., & Silva Junior, N. (2007). Sobre a amizade em tempos de solidão. *Psicologia e Sociedade*. n. 2, 8, 57-64 .
- Guillebaud, J.-C. (2003). *A reinvenção do mundo: um adeus ao século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Harvey, D. (1993). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança social*. São Paulo: Edições Loyola.
- Lash, C. (1990). *O Mínimo Eu* (5ª ed.). São Paulo: Brasiliense.

- Lemos, P. (1994). *Educação Afetiva*. São Paulo : Lemos Editorial.
- Lipovetsky, G. (1983). *Era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. M. S. Pereira, & A. L. Faria (Trads.) Lisboa: Relógio D' Água.
- Lipovetsky, G. (1989). *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lipovetsky, G. (2005). Em: G. Lipovetsky, & E. Roux (orgs.), *O Luxo Eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lipovetsky, G., & Charles, S. (2004). *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Lyon, D. (1998). *Pós-Modernidade*. São Paulo: Paulus.
- May, R. (1987). *O homem a procura de si mesmo* (13 ed.). Petropolis: Vozes.
- Monteiro, D. d. (2004). O sujeito do consumo e os laços afetivos. *Cogito* .
- Oliveira, A. V. (2006). Pós-modernidade e sofrimento psíquico: análise feita a partir de depoimentos de psicólogos clínicos. *Tese de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais* .
- Platão. (1999). *O Banquete* (9 ed.). P. J. Souza (Trad.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Santos, B. V. S. (1995). *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade* (12 ed.). São Paulo: Cortez.
- Sennett, R. (1988). *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Touraine, A. (2004). *A busca de si: diálogo sobre o sujeito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Touraine, A. (1994). *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Touraine, A. (1998). *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Vandenbergue, F. (2006). Amando o que conhecemos: notas para uma epistemologia histórica do amor. *Ciências Sociais Unisinos* , v. 42, 65-71.
- Yalom, I. D. (2005). *Quando Nietzsche chorou* (27 ed.). Rio de Janeiro: Ediouro.